O discurso da Perda: Análise do Discurso das capas dos Jornais "O Liberal" e "Diário do Pará" sobre a não-escolha de Belém como sub-sede da copa de 2014[1]

Uriel Nascimento Santos PINHO[2]
Netília dos Anjos Seixas[3]
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo se propõe a utilizar a Análise do Discurso, principalmente com base em Eliseo Verón, para examinar as capas dois principais jornais da cidade de Belém – PA, na ocasião da não-escolha da cidade de Belém como sub-sede da copa de 2014. Pretende-se com isso explicitar o direcionamento dos discursos e fazer um exercício de reflexão sobre a impossibilidade da neutralidade jornalística, principalmente em fatos que envolvem tantas implicações políticas, econômicas e até de identidade. Destacamos ainda a possível influência dos efeitos de sentido dessas coberturas no cenário político do Pará e nas posteriores propagandas institucionais do governo do estado.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Jornalismo Impresso; Copa de 2014; Belém;

Justificativa

O jornalismo, como muito se diz, consiste em uma disputa pelas mentes e corações de seu público, na qual a linguagem é o principal instrumento de batalha. Apesar disso, segundo o princípio da objetividade, nessa disputa, o jornalista deveria colocar-se em uma posição neutra, a salvo de qualquer opinião pessoal, publicando os fatos da realidade tal e qual eles se apresentam, cabendo ao leitor chegar a conclusões e opiniões.

Essa crença, a de que o discurso jornalístico pode ser neutro e ingenuamente objetivo, se revela improvável, visto que entre o *fato* e a *versão* dele publicada existe a mediação de um jornalista com suas vivências e de todo um aparato cultural e ideológico, também composto pela instituição a qual ele serve (empresa de comunicação) que constroem as *matrizes* de seu *discurso*. Como nos diz Dominique

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo da UFPA, email: urielpinho@gmail.com

[3] Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da FACOM UFPA, orientadora deste trabalho na disciplina "Comunicação e Teorias da Linguagem", email: netiliaseixas@gmail.com

Maingueneau (2001), o discurso sempre é orientado, possui uma intencionalidade e não é regido pela neutralidade.

Nos fatos que têm grande repercussão política e social, a impossibilidade dessa "objetividade" em seu conceito absoluto fica ainda mais evidente. Como um desses fatos, podemos tomar a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Junto a esse fato, veio a escolha das cidades brasileiras que seriam sub-sedes do evento.

Nesse sentido, no mês de Maio de 2009, foi grande a mobilização das atenções sobre a possibilidade da cidade de Belém ser escolhida como sub-sede nortista da copa de 2014. Era notável o interesse dos meios de comunicação e de significativa parcela da população da cidade pelo fato, o que, no entendimento dos autores deste artigo, relaciona-se muito com a popularidade do futebol como produto de entretenimento e também com a esperança por "melhorias de qualidade de vida" e infra-estrutura que o evento traria, mas, talvez principalmente, com uma sensação de auto-estima satisfeita pelo reconhecimento externo de ser *capaz* de sediar o evento.

Em outras palavras, Belém estaria inserida em um evento que traz o signo do estrangeirismo e, por contigüidade, da "civilização", "progresso" e "glamour". Sediar um evento como a Copa seria ser reconhecido como aceito no seleto grupo escolhido pela Fifa (Federação Internacional de Futebol). Entretanto, a cidade de Belém não foi escolhida como sub-sede, tendo os organizadores do evento optado pela cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, para representar o norte do Brasil.

Em nossa visão, um olhar mais sofisticado sobre a cobertura de um fato noticioso com tantas implicações econômicas, culturais, sociológicas e principalmente políticas por dois jornais pertencentes aos dois maiores grupos de comunicação do estado é um exercício privilegiado de análise do tratamento que a mídia dá, de acordo com os interesses das empresas de comunicação e das pessoas envolvidas, a eventos que atingem e despertam os afetos de parcelas tão significativas da população, sob vários aspectos.

Este é um exercício necessário para a desconstrução do mito da objetividade jornalística pura. O que é útil a qualquer estudante de Comunicação Social que queira aproximar-se dos mecanismos que envolvem a produção midiática e as dinâmicas de sua área de atuação acadêmica/profissional tornando-se assim consciente de seu papel na sociedade de maneira ética.

Metodologia

Como dito anteriormente, as dinâmicas da produção jornalística e dos efeitos que causam na sociedade se dão por meio da linguagem, e as Teorias da Linguagem são campo teórico obviamente útil para os que procuram entender melhor essas dinâmicas e como engendram seus efeitos.

Nesse sentido, elegemos a Análise do Discurso como proposta por Eliseo Verón (2004) e o conceito de dispersão discursiva de Foucault (*apud* POSSENTI, 1990) para examinar as capas dos dois principais jornais da cidade, *O Liberal* (edição nº 32.495) e *O Diário do Pará* (edição nº 9.098), dois veículos que historicamente demonstram posições políticas conflitantes e que no dia 1º de Junho de 2009 deram grande destaque a não-escolha de Belém como sub-sede da Copa do Mundo de 2014.

As capas foram escolhidas como estratégia de aproximação inicial com o produto jornalístico em questão. Havia ainda os textos das matérias, notas distribuídas em vários cadernos e um editorial, tratando do mesmo assunto. Longe de considerar que o objeto delimitado nos oferece todos os dados para entender os fenômenos em questão, acreditamos que nos oferece uma visão sucinta e acessível, tendo em mente o jornal como signo, de maneira mais ou menos análoga aos conceitos da semiótica peirceana (*apud* SANTAELLA, 2002).

Dela extraímos a noção de que, na relação do signo com seu objeto, entramos em contato apenas com a parte do objeto possível de estar presente no signo (objeto imediato), mas que de maneira nenhuma esgota a complexidade e totalidade de seu objeto "na realidade" (objeto dinâmico), impossível de ser alcançado completamente. Como a ponta de um iceberg, que não deixa que o todo do qual faz parte seja apreendido completamente, mas denuncia a sua natureza, tomamos nosso objeto de análise como a ponta de nosso iceberg, que apenas começamos a explorar.

A análise do discurso e as teorias da linguagem

> Qualquer que seja a natureza da produção discursiva, a) a linguagem é o grande "reservatório" onde se gestam os processos de produção de sentidos; b) as representações resultam de operações feitas junto às linguagens, delas resultando no texto, como seu lado visível; c) as representações transformam-se em matrizes culturais na medida em que são sistematicamente significadas pelos processos de produção de sentidos. (FAUSTO NETO, 2005, p. 13).

A obra do suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) é considerada um marco no esforço de definição da linguagem como objeto científico. Publicado postumamente, seu *Cours de Linguistique Générale* (1916), fruto das anotações de seus alunos, já que Saussure não deixou registros sistematizados de suas teorias, definiu que a linguagem se dá por meio de unidades chamadas *signos*: "entidade psíquica" resultante "não da união de uma coisa e uma palavra, mas de um conceito e uma imagem acústica" (SAUSSURE, 1979 pg. 80).

Por exemplo, a palavra "montanha" constitui-se, como verbalização, em um conjunto de *sons*, e antes disso em uma imagem acústica que os falantes do português fazem uso. Essa impressão psíquica dos sons de "montanha" (significante, na definição de Saussure), aciona em nossa mente a *idéia* ou *conceito* de *montanha (significado*, para Saussure*)*, sem que ela precise estar, de fato, presente fisicamente. "Montanha" (a união do significante com o significado) é, portanto, um signo para a formação geológica que convencionamos nomear assim.

Essa definição de signo como a união de um significado e um significante, que são a união de um conceito e de uma imagem acústica, ao invés de uma *coisa* e uma palavra é indicativo do lugar reservado por Saussure ao "mundo material" ao qual esses signos se reportam. Isto é, à realidade objetiva, se é que se pode dizer, representada pelos signos e também o uso individual desses signos pelas pessoas.

Essa "materialidade", não foi escolhida por Saussure como objeto de estudo da lingüística. De acordo com ele, a linguagem humana seria uma entidade heteróclita demais, sujeita a abordagens mais diversas, um objeto que escapava aos seus moldes positivistas, que valorizavam sempre a quantificação. Assim, Saussure elegeu o que chamou de *língua* como objeto de estudo da lingüística, classificando-a como principal manifestação da linguagem e recorte oportuno pelo qual se podia atingi-la.

A língua seria o aparato social instrumental, virtual, que possibilita uma manifestação de linguagem, por isso manifestações "externas" a esse modelo não se encaixariam no foco de estudo da lingüística. Incluindo aí o que Saussure chamou de *fala.*

> A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários. [...] [Já a fala] é a soma do que as pessoas dizem, e compreende: a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação, igualmente voluntários, necessários

> para a execução dessas combinações. Nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e momentâneas. [...] Por todas essas razões, seria ilusório reunir, sob o mesmo ponto de vista, a língua e a fala. [...] Essa é a primeira bifurcação que se encontra quando se procura estabelecer a teoria da linguagem. Cumpre escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente. (SAUSSURE, 1979; p. 27 - 28.)

Como nos diz Helena Brandão (1995), qualquer estudo de linguagem é tributário desse ponto de partida de Saussure, quer seja assumindo seus posicionamentos teóricos, quer seja rejeitando-os. Entretanto, a definição de que a língua, entidade virtual constituindo um sistema sincrônico e homogêneo, seria o único objeto da lingüística começou a parecer insuficiente, principalmente quando o objetivo é conhecer o exercício efetivo da fala em sociedade (RIBEIRO, 2006)

Um dos que sentiram essa limitação o foi Mikhail Bakhtin (*apud* BRANDÃO, 1995). Ele tomava a língua como algo concreto, valorizando a parte individual de sua materialização, ou seja, deslocava o foco das atenções também para a *fala*. Bakhtin privilegia o lugar da enunciação quando da formulação de sua teoria do enunciado. Isso porque Bakhtin escolheu a linguagem humana de maneira mais ampla como seu objeto, necessitando que observemos seu uso, a *fala*, em sociedade. [*apud* RIBEIRO, 2006].

Sendo assim,

> já que se trata de linguagem e não de língua, a unidade básica não pode ser o signo, mas o enunciado. Um enunciado não é um signo pela simples razão de que para existir ele exige a presença de um enunciador (quem fala, quem escreve) e de um receptor (quem ouve, quem lê). O signo faz parte de uma construção teórica que dispensa os sujeitos reais do discurso. Um signo, num dicionário, não é e não pode ser um enunciado. Este exige uma realização histórica. Um enunciado acontece em um determinado local e em um tempo determinado, é produzido por um sujeito histórico e recebido por outro. Cada enunciado é único e irrepetível. A mesma frase, exatamente a mesma, pronunciada em situações sociais diferentes, ainda que pelo mesmo enunciador, não constitui um mesmo enunciado e não pode constituir. (RIBEIRO, 2006, p. 1).

O discurso

Nos moldes do exposto por Sirio Possenti (1990), um dos pontos de partida para se definir *discurso* é reconhecer que, além da matéria lingüística, o enunciado, também há o contexto do processo de produção desse enunciado (com tempo, local e sujeitos definidos), chamado enunciação. Enunciação que é capaz de produzir efeitos de sentido, tanto quanto o que se fala ou como se fala.

Quando observamos essas instâncias de produção de enunciados e os sujeitos que os produzem, podemos falar de uma noção de discurso exposta por Possenti que é a de discurso como conjunto de enunciados. A idéia de que um conjunto de enunciados se relaciona, "seja porque se produzem numa mesma instância, seja porque são relativos a um mesmo referencial" (POSSENTI, 1990, p. 6). Nesse sentido, teríamos, por exemplo, um "discurso médico", um "discurso esportivo" ou um "discurso ambientalista". Foucault (*apud* POSSENTI, 1990) nos mostra que apesar de enunciados ficarem associados a determinados discursos, não há uma unidade interna nos mesmos, sendo que enunciados considerados "típicos" de um determinado discurso acabam sendo utilizados em outros.

O contrato de leitura

Longe de produzir apenas uma determinada reação, cada discurso produz um "campo de efeitos de sentido" (VERÓN, 2005 p. 216). Quando nos preocupamos com esses efeitos de sentido, lançamos o olhar sobre o par *enunciado/enunciação.* No caso da imprensa escrita, o conceito de *enunciado/enunciação* é fundamental para a compreensão das construções discursivas dos jornais. Por que diferentes coberturas sobre um mesmo fato são capazes de produzir efeitos de sentido tão diferentes? Poder-se-ia falar, em *modalidades do dizer*, e Eliseo Verón nos traz o conceito de dispositivo de enunciação, que seria exatamente uma construção das modalidades do dizer.

O dispositivo de enunciação (VERÓN, 2005, p. 217-218) comportaria o(s) lugar(es) que o sujeito enunciador (não necessariamente o emissor "real", mas o sujeito discursivo) atribui a si mesmo, posicionado em relação ao(s) lugar(es) que constrói para seu leitor (igualmente potencial), surgindo daí uma relação entre os dois, proposta no e pelo discurso. Essas definições estão presentes em todo suporte de imprensa.

Nesse caso, também podemos chamar esse dispositivo de enunciação de *contrato de leitura*. Quando nos apropriamos desse conceito, é interessante observar que, na imprensa escrita, como dito anteriormente, muitas vezes publicações que tratam do mesmo "conteúdo" revelam modalidades de dizer muito diferentes. Isto é, comportam dispositivos de enunciação diferenciados. É isso que tentaremos observar nas capas do *Diário do Pará* e de *O liberal* do dia 01 de junho de 2009.

O Diário do Pará

Diário do Pará

COPA DE 2014

BELÉM PERDEU

Decepção e tristeza tomaram conta dos belenenses. Além de perder a chance de ser uma das 12 sub-sedes, cidade vai ficar sem investimentos importantes. •BOLA 12 A 20

RETORNO
Imperador deixa marca
Adriano fez o seu em cima do Atlético-PR na estreia pelo Flamengo. •BOLA 5

100%
Inter vence e dispara na liderança

VINGANÇA
São Paulo mete 3x0 na Raposa

TERCEIRONA
Águia vence fora e vira líder isolado
Azulão derrota Sampaio Corrêa por 3x2. •BOLA 21

SANTA IZABEL
Paysandu é derrotado em amistoso
Bicolores perderam por 1x0 jogo-treino contra Izabelense. •BOLA 22

GUILHERME AUGUSTO
RICARDO NOBLAT
HOJE TEM 46 OFERTAS DE EMPREGO

04 SANTOS
IMAGENS SÃO DESTRUÍDAS
Duas mulheres evangélicas aproveitaram o final da missa para destruir imagens de santos em São Miguel do Guamá. Nem o padroeiro da cidade escapou. •A4

GOVERNO
Ex-chefe da Casa Civil revela bastidores
Charles Alcantara conta que foi o PT quem procurou o PMDB em busca de aliança. •A3

LULA
Brasileiros se dividem quanto a novo mandato
Pesquisa mostra que emenda teria apoio de 47% dos brasileiros, mas 49% seriam contra. •A3

VIOLÊNCIA
Mulher é morta com facadas e pauladas
Ela foi assassinada de forma cruel em Marituba. Nada foi roubado. •POLÍCIA 8

LINHA BRANCA
Venda de produtos volta a aquecer
Fabricantes de geladeiras, máquinas de lavar e fogões festejam IPI menor. •B11

Figura 1 - Capa Diário do Pará 01/06/2009

O enunciado "Belém Perdeu" como manchete (Figura 1)[4] revela o caráter de informatividade em segundo plano. Belém perdeu o quê? Pode-se dizer que o sujeito enunciador supõe que seus leitores compartilham da informação que ele possui, estão a par do que Belém perdeu. Dessa maneira, o enunciado se resume a *sujeito* e *verbo*, enfatizando a ação perda, o *sentimento* de perda, e não suas possíveis causas ou conseqüências, pois não há determinações como artigos ou outros complementos. Podemos inclusive relacionar isso a uma ênfase na emotividade.

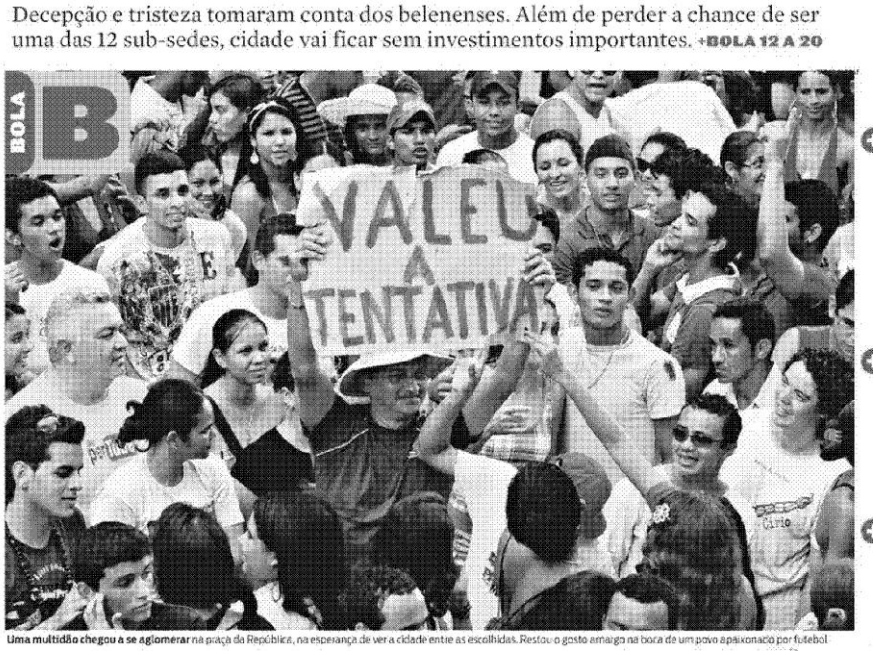
Essa estratégia discursiva deixa possível que haja uma relação de empatia entre o sujeito enunciador e o sujeito "leitor". É como se o *jornal* dissesse "compartilho sua perda, estamos no mesmo nível", estabelecendo uma relação de cumplicidade entre emissor e destinatário (VERÓN, 2005). O *jornal* praticamente se coloca na posição de "torcida" junto aos leitores, torcida que não podia fazer nada além de nutrir a esperança que seu "time" ganhasse, apropriando-se, assim, de um discurso esportivo, nos moldes foucaultianos (*apud* POSSENTI, 1990).

Essa analogia entre a perda da vaga de sub-sede e uma derrota esportiva pode ser reforçada pela diagramação do jornal, que hierarquiza o tema da manchete junto a noticias de esporte (Figura 1), que lhe servem de moldura: "Terceirona – Águia[5] Vence fora e vira líder isolado"; "Santa Izabel – Paysandu[6] é derrotado em amistoso". A construção da "torcida" que observa o fato da perda e não tem maior inferência nesse acontecimento é reforçada quando observamos suas marcas semiológicas na foto da manchete (registrada durante o que deveria ser a comemoração da escolha de Belém

[4] Figura monocromática, capa original em cores
[5] Time de futebol da cidade de Marabá, sudeste do Pará
[6] Tradicional time de futebol da cidade de Belém

como sub-sede) que traz uma multidão, enquanto um de seus personagens segura uma placa que diz "valeu a tentativa" (Figura 2).

É possível dizer que as construções discursivas na capa do jornal "Diário do Pará" do dia 1 de Junho de 2009 procuram minimizar entre seus leitores, efeitos de sentido advindos de enunciados típicos de um discurso político. O campo político-administrativo está intimamente ligado ao fato da não escolha de Belém como sub-sede da copa e mesmo assim só se faz menção a ele no subtítulo da manchete: "Decepção e tristeza tomaram conta dos belenenses. Além de perder a chance de ser uma das 12 sub-sedes, cidade vai ficar sem investimentos importantes" (Figura 2).


Decepção e tristeza tomaram conta dos belenenses. Além de perder a chance de ser uma das 12 sub-sedes, cidade vai ficar sem investimentos importantes. +BOLA 12 A 20

Uma multidão chegou a se aglomerar na praça da República, na esperança de ver a cidade entre as escolhidas. Restou o gosto amargo na boca de um povo apaixonado por futebol

Figura 2 – Detalhe da capa

Os "investimentos" que, por contigüidade, podemos associar à infra-estrutura e a questões político administrativas é um fator secundário, apresentado após a conjunção aditiva "além de". Sua noticiabilidade é um "a mais", uma expansão do fato principal. É hierarquicamente menos importante do que o sentimento abstrato de perda da vaga de sub-sede; extraindo-se dessa relação efeitos de sentido de despolitização.

O trecho do subtítulo "Decepção e tristeza tomaram conta dos belenenses." caracterizando os sentimentos que teriam sido consenso entre a população também possibilita essas construções de sentido. Por que não "revolta" ou "raiva", por exemplo? "tristeza" e "decepção" estão ligadas à melancolia, que, ao contrário de "raiva" ou "revolta", carrega uma carga de passividade. Nesse caso, passividade política.

O Liberal

Em seu dispositivo de enunciação, O Liberal conserva o caráter informativo. Sua manchete é "Incompetência de governos deixa Belém fora da Copa de 2014". O jornal explicita o fato e oferece uma explicação. Percebemos aí que o efeito de sentido proposto sobre a relação entre o sujeito enunciador e o sujeito leitor é diferente da do jornal *Diário do Pará*. É como se *O liberal* dissesse "Tenho não somente a descrição objetiva dos fatos, mas, por conta de minha posição privilegiada, retiro das sombras suas motivações mais íntimas e explicito suas conseqüências".

O LIBERAL
BELÉM • PA/BRASIL
Morre a última que sobreviveu no Titanic
Mais de 100ão fora do vestibulas Esamaz
Dilma chora ao receber solidariedade em Canaaru
SEGUNDA-FEIRA, JUNHO DE 2009
Incompetênci de governos deixa Belém foa da Copa 2014
GOVERNO DO ESTADO, PREFEITURA DE BELÉM E ALIADOS COMO JADER BARBALHO SÃO OS AUTORES DO FIASCO
CIDADES ESCOLHIDAS
GOVERNO POPULAR NA COPA 2014
Dez assassinatos durte o fim de semana
Devastação é financiada, acusa o Greenpeace
Adriano marca e leva 70 mil ao delírio
Romeiros ficarão agora na Casa de Plácido
Águia bate o Sampaio e segue no ritmo 100%
NESTA EDIÇÃO
CLASSIFICADOS • 12 PÁGINAS
1.094

Figura 3 – Capa de O Liberal

O Liberal se põe em um patamar acima do leitor, definindo emissor e destinatário como desiguais (VERÓN, 2005), sendo que o emissor está na condição de observador diferenciado dos fatos, capaz de oferecer as explicações das causas e conseqüências da perda da vaga de sub-sede a um leitor que, por sua vez, se preocupa com "o que está por trás". O veículo inclusive nomeia os supostos responsáveis em seu subtítulo: "Governo do Estado, prefeitura de Belém e aliados como Jader Barbalho são os autores do fiasco".

Fica claro aí o uso de enunciados do discurso político, notadamente o que destaca a responsabilidade do deputado federal Jader Barbalho, dono do jornal concorrente *Diário do Pará*. O tom político é o cerne da construção discursiva de *O liberal*, que também se utiliza da estratégia enunciativa de se apresentar como o porta-voz dos paraenses, seus leitores, que reconhecem a incompetência de seus governantes como a principal causa da não escolha de Belém como sub-sede da copa de 2014. Isso pode ser observado no trecho do texto da capa que diz "Entre os paraenses, sobram desolação, frustração e críticas, sobretudo à classe política". Comparativamente ao

Diário, além da *frustração* e *tristeza*, também há a *crítica*, elemento ativo, típico de leitores com bom nível de informação e consciência. Nota-se, mais uma vez, o efeito de sentido de politização.

A fotografia da capa também é um elemento importante da construção discursiva de "O Liberal". Junto com os elementos citados anteriormente, ela reforça o tom de crítica ao governo do estado, principalmente. A foto do trio elétrico com a faixa vermelha do Governo do Estado do Pará com o *slogan* que diz "Governo Popular na Copa 2014" estabelece relação de ironia com a situação mostrada na mesma foto: pessoas sentadas no chão, restos da comemoração planejada, lixo e derrota. A legenda da foto diz "Na praça da república, sobrou isto, após a Fifa deixar Belém de fora". Isso seria o que sobraria ao povo do Pará, por conta da incompetência de seu governo supostamente "popular": a desordem e a derrota.

Considerações Finais

A imagem de ingenuidade e a relação de emotividade estabelecida pelo contrato de leitura do jornal "Diário do Pará" podem ser associadas a estratégias de amortecimento de um discurso mais político, notadamente pelo fato de o Diário do Pará ser desde suas origens um veículo de comunicação política da família Barbalho, como nos relata o sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto (2007).

Nesse contexto, a minimização de argumentos que pudessem aliviar o teor político do fato da não escolha de Belém como sub-sede da copa viria ao encontro da então aliança política do PMDB, partido de Jader Barbalho, com a administração da governadora Ana Júlia Carepa (PT) e do envolvimento direto do jornal com dirigentes políticos, nos vários níveis. Naquele momento político, seria mais interessante para o *Diário* manter-se alheio a construções de sentido que propusessem escândalos de ineficiência administrativa e possibilidades de culpabilidade da governadora pela *perda.*

Já o jornal *O Liberal*, veículo pertencente à família Maiorana e conhecido por seu posicionamento político-partidário flutuante (PINTO, 2007), na época alinhava-se a partidos políticos contrários aos dirigentes do momento, pautando suas construções de sentido em enunciados típicos do discurso político, principalmente os que atingem o deputado federal Jader Barbalho, atingindo dessa maneira também a credibilidade do jornal concorrente. Isso fica evidente quando, na "atribuição de culpas" dos que são

chamados "aliados", somente Jader é citado nominalmente, os outros são referidos como "governos", entidades coletivas.

Esse discurso de revolta com a situação de ineficiência política exposta por *O Liberal* pode inclusive ser relacionado com um sentimento de baixa auto-estima, inferioridade e glória perdia que parece ter ficado muito em voga na mídia paraense após a não-escolha de Belém como sub-sede.

O *Diário do Pará* até mesmo iniciou uma campanha publicitária de "resgate do orgulho" intitulada "Orgulho de ser do Pará", que com o tempo (e a dissolução da aliança PT/PMDB no Pará) converteu-se de exaltação quase ufanista de elementos considerados signos da "identidade" do estado em campanha de marketing dos anunciantes do jornal, exibidos como entidades da quais a população deveria orgulhar-se.

Vale lembrar também que a cobertura dada ao "fiasco da copa", nos moldes das construções discursivas de *O Liberal*, que destacam uma perda dramática em função de incompetências político-administrativas, pareceu influenciar nas posteriores campanhas institucionais do governo do estado, que em tom progressista se utilizam de muitos recursos discursivos para destacar a equiparação do progresso do estado do Pará com as demais unidades da federação, usando slogans como "O Pará cresce no ritmo do Brasil" e "Chegou a vez do Pará, pra você".

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1995.

FAUSTO NETO, Antonio. **O jornalismo e os limites da representação.** In: Discursos - Coleção de estudos da linguagem como prática social. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: NUPEC / Ilustração Editora, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

PINTO, Lúcio Flávio. **A mesma origem dos jornais rivais**. Jornal Pessoal nº 398, 2ª quinzena/agosto 2007. Disponível em < www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=448IMQ007> Acesso em: 20 jun 2010.

POSSENTI, Sirio. **Apresentação da Análise do Discurso**. São José do Rio Preto, SP: II Seminário Regional de Estudos Linguisticos, 1990.

RIBEIRO, Luís Filipe. **Conceitos de Linguagem em Bakhtin**. Rio de Janeiro, RJ: Conferência a alunos de Letras da UENF, 2006. Disponível em < http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm#lf> Acesso em 14 jul 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2002.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2005.